

Parte terceira – Das Leis Morais

Capítulo VI – Lei de destruição

Item 1. Destruição necessária e destruição abusiva

730. Uma vez que a morte nos faz passar a uma vida melhor, nos livra dos males desta, sendo, pois, mais de desejar do que de temer, por que lhe tem o homem, instintivamente, tal horror, que ela lhe é sempre motivo de apreensão?

R. “Já dissemos que o homem deve procurar prolongar a vida, para cumprir a sua tarefa. Tal o motivo por que Deus lhe deu o instinto de conservação, instinto que o sustenta nas provas. A não ser assim, ele muito frequentemente se entregaria ao desânimo. A voz íntima, que o induz a repelir a morte, lhe diz que ainda pode realizar alguma coisa pelo seu progresso. A ameaça de um perigo constitui aviso, para que se aproveite da dilação que Deus lhe concede. Mas, ingrato, o homem rende graças mais vezes à sua estrela do que ao seu Criador.”

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 0730).

Livro 15

Capítulo 730 – Instinto de conservação

0730/ LE

O medo da morte, comum aos homens, é uma proteção para que eles não venham a sair da Terra antes do tempo, onde alguns deles poderiam, com desespero, fugir ao instinto de conservação, acabando por se auto-destruir. Esse procedimento podem lhes custar muito caro, em reparos dolorosos, tanto no mundo dos Espíritos, quanto mesmo na volta à Terra em novas vestes, com a marca que usaram para dela sair.

A razão nos diz, quando a usamos com o coração em Cristo, que devemos sempre atender ao instinto dentro da ponderação que a moral evangélica nos traça. Também nós outros, Espíritos já despidos da faixa carnal, temos esses impulsos de conservação em muitas áreas que devemos respeitar. Deus, pelo seu amor, vigia a todos, como se fora, por uma computação espiritual, no centro da própria vida. Além disso, os benfeitores espirituais que todos temos estão sempre presentes em nossos caminhos para nos inspirar no momento oportuno.

O espírita, já conhecedor desta verdade, encontra mais facilidade neste setor de proteção. Assiste-nos o direito de avisar aos encarnados, pelos meios que dispomos, dos perigos em que podem cair, e ensinar-lhes os meios para não serem guiados por cegos, acabando caindo com eles nos mesmos abismos dos ignorantes.

O homem deve procurar o prolongamento da sua vida pelos meios lícitos, que se encontram a seu alcance. Não devemos esquecer da força que tem a oração, a água fluidificada, o passe, o Culto do Evangelho no lar e as reuniões de estudos evangélicos. Tudo isso assegura mais harmonia na mente, e a mente harmonizada, consubstanciada em fé e em esperança, porta a alegria que leva ao amor.

Lucas nos dá um bom aviso, no sentido de nos ajudar, quando relata, no capítulo vinte e quatro, versículo trinta e quatro, assim se referindo:

Os quais diziam:

O Senhor ressuscitou e já apareceu a Simão.

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valemos pelo que fazemos.

Depois de quase dois mil anos, o Senhor Jesus deve ressuscitar em cada coração, aparecendo particularmente às almas na sua maturidade, a interpretar o Evangelho para os que se encontram dispostos a recebê-lo, não mais como instinto de conservação, mas, como intuição divina, de forma que todos sejam conscientes da verdade que liberta.

Quando fala a voz interna nas criaturas, desaparece a morte e surge a vida, em qualquer estágio de evolução da alma. Onde estiver, é necessário ao homem conservar a vida física, até mesmo se possível for, por alguns séculos, que eles podem ser pingos de luz para o seu caminho.

A Doutrina Espírita é mesmo Jesus de novo na Terra, para conversar com os homens e fazê-los mais felizes. Quem dá a vida é Deus, porém, o homem deve e pode conservá-la.

Miramez, Filosofia Espírita, (Livro XV, Cap. 730 – Instinto de conservação.

– questão 0730, (João Nunes Maia)).

(Comentários sobre as perguntas e respostas de O Livro dos Espíritos, mostrando a amplitude dos ensinamentos da codificação).

Podemos destacar-nos pelo que sabemos, mas valem pelo que fazemos.